

FH critica 'passado de lucros fáceis'

Presidente condena oligarquias empresariais e faz defesa indireta de Mendonça de Barros

Cristiane Jungblut

BRASÍLIA e SÃO PAULO

Em discurso sobre mudanças na gestão dos recursos públicos, o presidente Fernando Henrique Cardoso criticou ontem as oligarquias empresariais que, segundo ele, vivem chorando por um passado em que tinham lucros fáceis e eram as maiores beneficiadas. E aproveitou para fazer uma defesa indireta do ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros e dos outros responsáveis pelo processo de privatização da Telebrás, acusados de improbidade administrativa pelo Ministério Público Federal. Ao lado do ministro de Orçamento e Gestão, Pedro Parente, um dos acusados, Fernando Henrique disse que, no Estado moderno, o gestor público não pode ficar preso numa camisa-de-força de regras burocráticas. Ele argumentou que, muitas vezes, essas formalidades são exigidas em detrimento, e não em benefício do interesse público. No fim do discurso, de 20 minutos, ele fez uma defesa explícita de Parente, afirmando que se trata de um funcionário exemplar.

— Essas oligarquias industriais ou financeiras que vivem chorando pela falta de esperança no Brasil, elas estão chorando por um passado do qual foram beneficiárias e que não vai voltar. Temos que ter um futuro que beneficie o povo e não setores que se acastelaram (protegeram) na vida pública. Acabou! É um novo Brasil. É lamentável que alguns confundam um projeto possível e bom para o Brasil com a defesa do passado: subsídios, taxas de juros protetoras, reserva de mercado, Estado guarda-chuva, críticas ao Estado e lucros fáceis. Essa época acabou — disse Fernando Henrique.

Para o presidente, não se pode mais "governar à moda antiga"

O presidente estava irritado com as afirmações do presidente do Conselho de Administração do Grupo Ultra, Paulo Cunha, que disse que o país tinha perdido a esperança. Fernando Henrique disse que não se pode mais governar "à moda antiga". Irônico, afirmou que as pessoas deveriam percorrer o Brasil para se entusiasmar com os efeitos da estabilidade econômica no desenvolvimento de um país.

— Os setores mais atrasados ainda pensam que bem administrar e bem governar é bater na mesa, é dar um murro, porque estão pensando: ah, é à moda antiga. Hoje não. O empresário também tem que ter essa visão de conjunto, tem que motivar, tem que liderar. — disse.

Ao defender a reforma do Estado, Fernando Henrique disse que o conceito-chave é a gestão empreendedora, unindo a capacidade de administrar e a criatividade. Nesse momento, o presidente falou do problema das regras burocráticas e elogiou os tribunais de contas por analisarem o processo como um todo e não apenas julgarem um aspecto, ou se uma regra específica foi cumprida. O TCU, por exemplo, aprovou o processo de privatização da Telebrás.

— Não é possível mais que o gestor público ou privado seja preso numa camisa-de-força de regras burocráticas e que depois tenha que prestar contas dos crimes que não praticou. Apenas para ser mais devotado ao objetivo que ele tem em vista, que é o objetivo da sociedade, ele deixou de praticar uma formalidade porque essa formalidade viria em detrimento do interesse público. Quantas vezes essas questões produzem um desajustado nacional, como se o gestor tivesse utilizado aquela quebra de regras em benefício próprio — disse Fernando Henrique, acrescentando que não se pode mais "aceitar a todo instante insinuações contra a base moral dos que governam, a menos que haja algo concreto".

Fiesp critica monetarismo e pede política de desenvolvimento

O diretor de Economia da Fiesp, Roberto Faldini, rebateu as críticas do presidente dizendo que os empresários só estão querendo condições de isonomia com o mercado internacional. O vice-presidente da Fiesp, Carlos Roberto Liboni, disse que o Governo precisa "tirar o ranço de uma economia monetarista, que só pensa na estabilidade da moeda, e trabalhar para uma política de desenvolvimento". Ele afirmou que os empresários não querem voltar ao passado, como afirmou Fernando Henrique, mas apenas insistir numa política de incentivo à produção:

— Houve zelo excessivo para estabilizar a moeda, o que prejudicou a indústria.



Gustavo Miranda

O PRESIDENTE ao lado de Parente: "O gestor público ou privado não pode ficar preso numa camisa-de-força de regras burocráticas"

"Temos que ter um futuro que beneficie o povo e não setores que se acastelaram na vida pública.

Acabou! É um novo Brasil!"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

"O Governo precisa tirar o ranço de uma economia monetarista, que só pensa na estabilidade da moeda, e trabalhar para uma política de desenvolvimento"

CARLOS ROBERTO LIBONI, vice-presidente da Fiesp